

Denise Pereira
(Organizadora)

Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 3



Denise Pereira

(Organizadora)

Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C198	Campos de saberes da história da educação no Brasil 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-456-6 DOI 10.22533/at.ed.566190507 1. Educação – Brasil – História. I. Pereira, Denise. II. Série. CDD 370
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O estudo da História da Educação sempre será muito importante para ajudar a compreender o modelo educacional que possuímos hoje, entender os possíveis erros que ocorreram de forma que possamos preveni-los e evitá-los.

Para se compreender o presente e planejar o futuro é necessário entender o passado, que neste caso é a História da Educação.

Tudo é história e tudo tem história. No processo educacional isso é ainda mais presente.

Os pesquisadores tem se interessado em compreender as ações de educação contidas na sociedade com suas diversas formas e esferas de intervenção.

Outros estudos vão de encontro com o sentido de captar as especificidades da formação e do desenvolvimento institucional observando como este modelo se articula se ao processo da construção da identidade brasileira.

Deste modo, a Editora Atena, realiza uma edição, dirigida especialmente a quem deseja compreender os diversos Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil, acolhe neste e-book a proposta de responder no meio de tantas questões que surgem do debate de compreender a educação no Brasil.

Aqui, os diversos autores investigam as questões diversas destes campos dos saberes, tais como: a arte, a cultura, a história, novas metodologias, identidade brasileira, políticas educacionais, entre outras.

Espero que essas leituras possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MEMÓRIA EM PAUL RICOUER: MÚSICA CAIPIRA E IDENTIDADE CULTURAL DO HOMEM DO CAMPO	
Angela Maria da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5661905071	
CAPÍTULO 2	12
O DIREITO AO SUFRÁGIO FEMININO NO BRASIL E NA ARGENTINA: NOTAS SOBRE DISCURSOS E LUTAS FEMINISTAS	
Adriana do Carmo Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.5661905072	
CAPÍTULO 3	23
O PRINCÍPIO DA CARIDADE NO DISCURSO INSTITUCIONAL DAS IRMÃS DE SÃO VICENTE DE PAULO	
Melina Teixeira Souza	
DOI 10.22533/at.ed.5661905073	
CAPÍTULO 4	33
OS INOCENTES ÀS PORTAS: ANÁLISE SOCIAL DAS CRIANÇAS EXPOSTAS EM OUTRO PRETO, SÉCULO XIX	
Melissa Lujambio Alves	
DOI 10.22533/at.ed.5661905074	
CAPÍTULO 5	45
PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E TEORIA CRÍTICA: CONTRIBUIÇÕES E LIMITES DE UMA APROXIMAÇÃO TEÓRICA PARA A DISCUSSÃO DA FORMAÇÃO HUMANA	
Thiago Xavier de Abreu	
DOI 10.22533/at.ed.5661905075	
CAPÍTULO 6	60
“PARA TODOS OS LAVRADENSES, MEU ÚLTIMO ABRAÇO E MEU ADEUS”: HISTÓRIAS DE VIDA DA PROFESSORA MARIA ELENITA (1944-1984)	
Maria Aline Souza Guedes	
Valdenira Meneses Andrade Perone	
DOI 10.22533/at.ed.5661905076	
CAPÍTULO 7	72
ESPORTE PARA O DESENVOLVIMENTO E A PAZ: LEITURAS A PARTIR DA TEORIA DOS PROCESSOS SOCIAIS DE NORBERT ELIAS	
Nadyne Venturini Trindade	
Bárbara Schausteck de Almeida	
Wanderley Marchi Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.5661905077	

CAPÍTULO 8 83

O ENSINO DA MATEMÁTICA NA EFA JACYRA DE PAULA MINIGUITE: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES ENTRE PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Wéster Francisco de Almeida
Débora Villetti Zuck

DOI 10.22533/at.ed.5661905078

CAPÍTULO 9 100

EJA, INTERDISCIPLINARIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EJA INSPIRADAS NA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Jaqueline Ventura
Keilla Gomes Giron
Dayana Gomes
Daniel Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.5661905079

CAPÍTULO 10 113

CÓDIGO DE MENORES E A EDUCAÇÃO: UM OLHAR SOBRE SEU DISCURSO E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS (1927 – 1979)*

Rodrigo Teófilo da Silva Santos

DOI 10.22533/at.ed.56619050710

CAPÍTULO 11 123

PERFORMANCE: PRESERVAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E REGISTRO

Joseane Alves Ferreira
Jane Aparecida Marques

DOI 10.22533/at.ed.56619050711

CAPÍTULO 12 135

REFLEXÕES DA DANÇA À LUZ DOS QUADROS SOCIAIS DA MEMÓRIA

Isis Conrado Haun
Cláudio Eduardo Félix dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.56619050712

CAPÍTULO 13 146

RELAÇÕES ENTRE DIVERSÃO E LOUCURA: ESTUDO DA INTERNAÇÃO NO HOSPITAL COLÔNIA DE BARBACENA, 1934 A 1946

Marcelle Rodrigues Silva
Maria Cristina Rosa

DOI 10.22533/at.ed.56619050713

CAPÍTULO 14 154

REPRESENTAÇÕES DAS AMÉRICAS NO PERIÓDICO “O UNIVERSAL”, 1825-1842

João Eduardo Jardim Filho

DOI 10.22533/at.ed.56619050714

CAPÍTULO 15 164

DIOGO GOMES E OS PORTUGUESES NOS NEGÓCIOS DO SENEGAL E GAMBIA NO SÉCULO XV

André Felipe De Souza Menezes

DOI 10.22533/at.ed.56619050715

CAPÍTULO 16	171
TRAÇOS DA CIDADE: RELEITURA DOS REGISTROS DE DEBRET NO RIO DE JANEIRO	
Bruno Willian Brandão Domingues	
DOI 10.22533/at.ed.56619050716	
CAPÍTULO 17	183
CIVILIZAR O CORPO AS MODAS E AS MODISTAS NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX	
Mariana de Paula Cintra	
DOI 10.22533/at.ed.56619050717	
CAPÍTULO 18	192
A MIGRAÇÃO INTERNA NO BRASIL E COMO LIDAMOS COM SUA MEMÓRIA: DIFERENTES OLHARES ENTRE QUEM MIGRA E QUEM PERMANECE EM UM ESTUDO DE CASO SOBRE A CIDADE DE RESENDE COSTA-MG	
Eduardo Filipe de Resende	
DOI 10.22533/at.ed.56619050718	
CAPÍTULO 19	200
UM EXERCÍCIO À GUIA DE REFLEXÃO TEÓRICA: DIFERENTES INTERPRETAÇÕES ACERCA DO POPULISMO NO BRASIL E SOBRE A DITADURA MILITAR BRASILEIRA	
Patrícia Costa de Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.56619050719	
CAPÍTULO 20	212
UMA SÍNTESE DO PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA MEDICINA NO BRASIL: SEUS ATORES E SUAS PRÁTICAS	
Cássia Regina da Silva Rodrigues de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.56619050720	
CAPÍTULO 21	221
VESTÍGIOS DO PASSADO NAS PÁGINAS DOS IMPRESSOS JORNALÍSTICOS	
Simone Bezerril Guedes Cardozo	
DOI 10.22533/at.ed.56619050721	
CAPÍTULO 22	229
REFLEXÕES ACERCA DO MITO DE SÃO TIAGO: HAGIOGRAFIA E OS MILAGRES DO <i>LIBER SANCTI JACOBI</i>	
Cristiane Sousa Santos	
DOI 10.22533/at.ed.56619050722	
CAPÍTULO 23	244
O CARNAVAL NO CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM - PA: ASPECTOS ESTRUTURAIS E ORGANIZACIONAIS	
Carlindo Silva Raiol	
Jeanny Marcelly Barreto Bentes	
DOI 10.22533/at.ed.56619050723	

CAPÍTULO 24 253

O ENSINO DE HISTÓRIA NA MODALIDADE A DISTÂNCIA E SUA INTERAÇÃO COM AS NOVAS
TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (NDTIC)

Otiliana Farias Martins
Maria Zilah Sales de Albuquerque
Carlos Alberto dos Santos Bezerra
André Magalhães Boyadjian

DOI 10.22533/at.ed.56619050724

SOBRE A ORGANIZADORA..... 264

“PARA TODOS OS LAVRADENSES, MEU ÚLTIMO ABRAÇO E MEU ADEUS”: HISTÓRIAS DE VIDA DA PROFESSORA MARIA ELENITA (1944-1984)

Maria Aline Souza Guedes

Graduada em história pela Universidade Federal de Campina Grande e Mestre pelo Programa de pós-graduação em História- Campina Grande – PB.

Valdenira Meneses Andrade Perone

Graduada em Administração pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Mestre pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), atualmente é professora titular do curso de Administração da UFS, campus Itabaiana-SE.

RESUMO: Neste capítulo, analisaremos as histórias de vida de Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho (1944-1984), professora e cientista social, natural de Pedra Lavrada-PB. O eixo norteador desta escrita, será discutir as memórias construídas a partir dos lavradenses sobre a carta testamento deixada pela professora, dias antes do seu falecimento. Como fontes, problematizaremos a referida carta, ditada pela professora dias antes do seu falecimento e as entrevistas realizadas com familiares, amigos e pessoas que conviveram com Elenita. Para fundamentar nossas discussões, utilizaremos os estudos de Pinsky (2014) sobre o papel da mulher nos “Anos dourados”, gênero e magistério a partir de Louro (1997) e Gomes (2004) sobre escrita de si.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Gênero;

Magistério; Escrita de si

“FOR ALL LAVRADENSES, MY LAST EMBRACE AND MY GOODBYE”: LIFE STORIES OF THE TEACHER MARIA ELENITA (1944-1984)

ABSTRACT: In this chapter, we will analyze the life histories of Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho (1944-1984), teacher and social scientist, born in Pedra Lavrada-PB. The guiding axis of this writing, will be to discuss the memories built from the Lavradenses on the letter testament left by the teacher, days before his death. As sources, we will problematize the mentioned letter, dictated by the teacher days before his death and the interviews with family, friends and people who lived with Elenita. To support our discussions, we will use Pinsky’s (2014) studies on the role of women in “Golden Years,” gender and teaching from Louro (1997) and Gomes (2004) on self-writing.

KEYWORDS: Education; Genre; Teaching; Writing for you

1 | INTRODUÇÃO

A professora Maria Elenita nasceu em 1944, no Sítio Salgadinho que pertencia a cidade de Picuí-PB. Este sítio ficava localizado perto do povoado de Pedra Lavrada, que nesse

período, era distrito de Picuí. A partir do dia 25 de Janeiro de 1959, o distrito passou a ser reconhecido como cidade. Conseqüentemente o sítio Salgadinho passou a fazer parte de Pedra Lavrada.

Elenira era filha dos agricultores Jovina Vasconcelos e Solon Lira, que a incentivou juntamente com seus 13 irmãos a seguir pelo caminho das letras. Logo, iniciou seus estudos no curso do primário na Escola Estadual Professor Francisco Ferreira, em Pedra Lavrada.

È interessante lembrar, que na época só existia até esta escolaridade em Pedra Lavrada, por isso, de acordo com Dapaz (2015) era comum que muitas pessoas para não parar de estudar, e por não ter condições de ir morar em outra cidade, repetir diversas vezes o primário.

Dedicada aos estudos, e apresentando interesse em conseguir uma profissão, a professora de Elenita na época, D. Zelita aconselha o seu pai Solon Lira a investir na carreira de sua filha. Podemos aferir que Elenita nasceu em uma família que tinha boas condições financeiras, se comparada as demais da região, principalmente por obter terras que propiciavam melhores condições de vida.

Elenita com esforço e dedicação é aprovada no exame de admissão na Escola Estadual de Campina Grande, localizado á cerca de 90 Km de Pedra Lavrada. A referida instituição era considerada referência ao que se refere a qualidade ensino público oferecido. Após o término do ginásio em 1964, decide ingressar na Escola Normal Padre Emídio Viana, onde permaneceu de 1965 á 1967.

Ao término dessa escolaridade, Elenita já tinha uma formação, considerada de grande prestígio no período, pois, a profissão de professora era a considerada pela sociedade a mais adequada para as mulheres no período. Segundo Pinsky (2014) as mulheres no período intitulado “Anos dourados” para exercerem o papel de mãe e esposa do lar e caso, optasse por uma segunda profissão, que este ocorresse a partir da frequência em uma das Escolas Normais, pois o ideal era que se tornassem professoras.

Segundo Louro (1997) este ideário era provocado pela feminização do magistério construída ao longo do tempo, no qual, acreditava que a função de educar era naturalmente ofício da mulher. Por isso ser professora é considerada uma profissão caracterizada pela extensão do lar. A escola normal tinha essa característica, lá as mulheres aprendiam as consideradas prendas domésticas e a educar as crianças, como sendo seus próprios filhos.

Souza (2014) acrescenta que a escola Normal Padre Emídio Viana foi uma importante instituição de ensino, criada em 1960, no qual funcionava contando apenas com duas salas: sendo uma com 25 alunos e a outra onde ficava a direção, a secretaria e o arquivo. Nesse sentido, podemos perceber que o número de formandas eram baixos, se comparados a oferta de trabalho no período. Por isso, era o sonho de grande parte das moças no período, já que era uma oportunidade de conseguir uma independência financeira sem o preconceito da sociedade.

Dapaz (2015) colega e prima de Elenita, afirma que em Pedra Lavrada a maioria do professorado era composto por mulheres que pouco sabiam ler e escrever e já assumiam a profissão. Mesmo sabendo da sua condição de prestígio, a professora lavradense decide continuar seus estudos, e foi aprovada no vestibular em 1969 para o curso de Ciências Sociais na Universidade Federal da Paraíba, *campus* II.

A opção e cursar Ciências Sociais, nos apresenta como uma opção singular, já que o período que Elenita ingressou na instituição coincide com o período da ditadura militar, especificamente com o final do governo de Costa e Silva (1967-1969) e início da Junta Militar (31/8/1969 - 30/10/1969), que foi o sucessor do presidente anterior, quando o mesmo se encontrou debilitado, com problemas de saúde.

Esse governo é marcado por acentuadas mudanças, como a falta de democracia, supressão de direitos constitucionais e por grande repreensão nos cursos considerado de humanas. Acreditava-se que esses últimos eram responsáveis por propagar o comunismo.

Durante esse período o governo passou a colocar agentes infiltrados nas instituições de nível superior, com o objetivo de punir estudantes ou professores, que eventualmente se opusessem ao governo. Logo, a maioria da população era desinformada e não só acreditava na “ameaça comunista”, como indício de um mau acontecimento como passava a repudiar ou olhar com preconceito os “rebeldes”. Aqueles que discordavam das ações ocorridas no governo.

Foi em meio a esse contexto que Elenita terminou seus estudos, e após a conclusão, a educadora voltou para sua cidade natal, onde aplicou seus conhecimentos durante o período de 1971 a 1982, no mesmo lugar em que começou seus estudos, ocupando os cargos de diretora da instituição escolar, secretária do Programa Pró-município e lecionando as disciplinas de História e Geografia em Pedra Lavrada. A professora casou-se com Iêdo Carvalho Rosa, em 1974, com quem teve três filhas: Andréa Vasconcelos Carvalho, em 04/11/1975; Érika Vasconcelos Carvalho, em 15/03/1981; e, por último, Kilma da Luz Vasconcelos Carvalho, no dia 18/04/1983.

Elenita após em média 10 anos de trabalhos prestados no município, decide se mudar para a capital João Pessoa-PB, onde engravida da sua terceira filha e neste período descobre que estava com um câncer em sua mama, este em estado avançado.

Em meio as dores físicas e emocionais, a professora passa a escrever cartas e a se despedir dos amigos. Elenita faleceu em 20 de Fevereiro de 1984 no Hospital Laureano Nepomuceno, instituição especializada no tratamento de câncer.

Diante disso, será nosso objetivo problematizar, a partir de uma escrita de si, as formas de Elenita se comportar, criando uma memória que contribuirá, nesse sentido, para o estudo sobre a história local da cidade.

A discussão da carta pessoal é fruto de um momento delicado na vida da professora, um mês antes de seu falecimento. Nela, a professora delinea as relações entre os membros do seu grupo social, burla normas do seu tempo, repassa ensinamentos e particularidades de sua história.

2 | O DIAGNOSTICO

Por volta de 1977 a professora percebeu um nódulo em seu seio e a partir do fato de que, não conseguiu amamentar suas filhas Andréa e Èrika, decide investigar o fato. Nossas entrevistas apontam que, inicialmente ela fez um exame de mama com um médico em Cuité, este realizado a partir de uma instituição pública. Logo, este médico o aconselha a fazer a retirada do nódulo, por meio da cirurgia.

Não sabemos ao certo qual o motivo, se foi medo da cirurgia, principalmente o receio de que este procedimento pudesse modificar a estética. Silva (2008) afirma que nos anos 1970, havia um grande desconhecimento dos profissionais a respeito do câncer de mama, e isso levou, muitos profissionais a fazer a retirada completa da mama de muitas mulheres, isso ocorria assim que o profissional percebia um nódulo pois havia um receio que este pudesse alastrar para o restante do corpo. Isso causou grandes traumas para as mulheres, principalmente pelo ideário construído ao longo do tempo sobre a mama como símbolo sexual.

Elenita consulta uma terceira médica, esta realizada através de uma instituição particular que lhes deu maior confiança no tratamento. Segundo este segundo diagnostico, o nódulo que Elenita carregava em seu seio, era fruto de hormônios e poderia ser fácil retirado, caso ela engravidasse.

Elenita engravida de sua terceira filha, concomitante a isso, Elenita se muda para a capital João Pessoa com a família em 1982. O nódulo e os sintomas do câncer se agravaram cada vez mais, até o terceiro diagnostico de que o nódulo era um câncer em estado avançado.

Para uma maior chance de sobrevivência, Elenita é aconselhada pela família e pelo médico a fazer o aborto para iniciar o tratamento de câncer, já que a medicação é muito forte e invasiva, e por isso, o feto não resistiria.

Mesmo indo contra todos os médicos e os familiares, Elenita opta pela vida. Decidiu retardar o tratamento e garantir a saúde de sua filha, que ainda não conhecia pessoalmente, mas que já sentia um amor tão forte quanto a vida.

Acreditamos que esta escolha da professora talvez tenha sido influenciada pelos preceitos do catolicismo que abominava o aborto. Para esta religião, ter filhos é uma missão feminina “sagrada” (PINSKY, 2014, p. 291).

No dia 18 de abril de 1983, Elenita dar a luz a sua terceira filha. O parto ocorreu de forma antecipada, com apenas 8 meses de gravidez. Isso ocorreu para que a professora pudesse iniciar o tratamento o mais rápido possível.

Após garantir a vinda de Kilma (sua filha caçula) no mundo, Elenita começa a lutar por sua própria vida com a alegria e a esperança de poder acompanhar seu desenvolvimento. Logo, o tempo pareceu-lhes andar em descompasso, o que fez da professora cada dia mais debilitada. Segundo sua amiga, relata:

O braço dela tinha uma sombra esquisita, tempos depois estourou. Via os tendões, esse negócio da mão passou para o resto do corpo [...]. Um dia, fui na igreja e pedi tanto a Deus para livrá-la daquela doença. O pior é ter que ver naquele estado e enganar mesmo ela sabendo que não ia ter mais cura. No dia 18 de abril, a menina dela nasceu e no dia 21 aproveitei e fui ver ela. Eu passei a noite dançando com sua menina, chorando sem ela poder amamentar. Eu disse: vá dormir Elenita que eu fico, o drama dela era não poder amamentar. [...] Ela sofreu demais, ela dizia: Meu Deus nunca fiz mal, porque eu mereço passar por isso? (PAZ, Maria. [abril.2015] Entrevistadora: GUEDES, Maria Aline S. Entrevista cedida ao trabalho de conclusão de curso: Formas de viver no feminino: Análise de gênero da professora Maria Elenita de Vasconcelos (1945-1985) Pedra Lavrada-PB.

Em meio a esse ideário de dores físicas e emocionais, ela percebe o quanto a sua vida se tornava frágil e que o seu futuro era incerto. Então passa a escrever cartas e a se despedir dos seus parentes e amigos.

Temos acesso a dois registros: a que escreveu para sua filha caçula Kilma e outra para a população lavradense, que será investigada a posteriori. Sobre a que foi escrita para Kilma, indico a leitura da dissertação “Se eu nascesse mil vezes, mil vezes casaria com Elenita”: Histórias de vida da professora Maria Elenita (Pedra Lavrada-PB, 1944-1984) de Guedes (2018).

No dia 03 de janeiro de 1984, Elenita pede que sua irmã Rita Vasconcelos, sua fiel companheira, pegue uma caneta e um papel e escreva algumas palavras que iria ditar. Nela, Elenita delinea as relações entre os membros do seu grupo social, descreve sobre sua profissão, burla normas do seu tempo, repassa ensinamentos e particularidades de sua história. Nesse capítulo, analisaremos essa carta deixada por Elenita, direcionada aos aparentes, aos amigos e aos membros da cidade de Pedra Lavrada.

3 | ESCRITA DE SI

É cada vez mais crescente o interesse por parte dos escritores e leitores sobre a escrita de si. Os literatos, como Caio Fernando Abreu, em “Cartas”, no qual traça “o romance de sua vida”, passou a escrever de 1960 a 1990. É interessante observar que não só literatos têm empenho nesse tipo de gênero, os políticos, como Carlos Prestes, escreveram cerca de 900 cartas. Na verdade, são atividades rotineiras de políticos que têm seu interesse voltado para a intenção de criar um “mito na história do seu país”, ou melhor, deixar registrado suas ações, para que, assim, sejam lembrados (GOMES, 2004).

Na academia, os estudos mais avançados sobre a escrita de si provêm muito mais do campo da literatura e, recentemente, de estudos relacionados à educação. É nesse campo que as práticas de leitura e escrita, nas transformações do tempo, são estudadas e percebidas (GOMES, 2004).

Podemos citar o livro “História de vida privada”, traduzido em 1990 pela Companhia das Letras. Depois, sucedeu em outros 4 volumes relacionados à “História de vida

privada no Brasil”, em 1997 e 1998. Esses escritos marcaram uma nova forma de entender os novos espaços de investigação histórica: o âmbito privado.

A partir de então, entram em cena as mulheres e os homens comuns, juntamente com as novas fontes que também são consideradas peças fundamentais nesse novo fazer historiográfico. Foi nesse contexto que os pesquisadores passaram a considerar a necessidade de construir novos tipos de pesquisa destinados à guardar os arquivos pessoais de pessoas “comuns” (GOMES, 2004).

As práticas relacionadas à escrita de si podem ser entendidas em seu sentido mais amplo como a constituição da memória de si, no reconhecimento de objetos que não têm necessariamente a necessidade de resultar em coleções. É o caso de uma série de objetos presentes no cotidiano ou referentes a um determinado lugar, como os cartões postais e as fotografias. Há também outro tipo, que são as escritas direcionadas às autobiografias e à biografias, como os diários e as cartas. (GOMES, 2004).

A produção autor referencial, também chamada de escrita de si no mundo moderno ocidental tem sua prática datada, de forma geral, no século XVIII, quando os indivíduos começaram a produzir uma memória relacionada a si próprio. A biografia e a autobiografia alcançaram seu apogeu no século XIX, com o surgimento também da necessidade de guardar resquícios da memória, principalmente com a criação de museus. (GOMES, 2004).

Embora a prática de escrever cartas e diários seja antiga, ela ganha contornos específicos na presença do individualismo moderno, quando o homem passa a criar uma identidade singular para si em meio ao social, afirmando valores distintos e, ao mesmo tempo iguais ao todo.

Assim, os sujeitos modernos são de consagração do lugar do indivíduo na sociedade, quer como uma unidade coerente que postula uma identidade para si, quer uma multiplicidade que se fragmente socialmente exprimindo identidades parciais e nem sempre harmônicas” (GOMES, 2004. p. 12).

Os estudos das ciências sociais apontam dois valores para o sujeito moderno: Igualdade e liberdade. De um lado, o sujeito que é igual a todos perante a sociedade, sem distinção de outros indivíduos, e do outro, o sujeito da liberdade que é singular, único em relação aos demais (GOMES, 2004).

A categoria de Ilusão biográfica também é um fator que deve ser levado em consideração, já que o relato sobre a vida de um indivíduo traz e aponta atitudes, comportamentos que não são coerentes nem linear. O historiador, ao analisar as fontes, deve ter clareza de que o indivíduo é sincrônico e diacrônico ao mesmo tempo, e que suas posições e ações se revelam como sendo inconstantes a cada período.

Os escritos de si são subjetivos, fragmentados e ordinários e, portanto, são identificados como valores ímpares para o estudo da história. Nela, os indivíduos criam sua própria verdade com sentimentos que voltam a atenção do sujeito para si. A

verdade traz em si dois aspectos importantes: a verdade dos fatos e a sinceridade do indivíduo. A concepção de verdade muda e passa por outros significados, ou seja, o indivíduo exprime nessa produção de si aspectos, sentimentos que são reconhecidos como a sua verdade, de acordo com suas experiências e reflexões. (GOMES, 2004).

Por outro lado, devemos estudar e trabalhar na perspectiva que reconhece a escrita como documento histórico, devendo necessariamente passar por uma análise minuciosa. Destacamos, primeiramente, a intencionalidade que esses escritos têm, já que são produzidos com verdades próprias de cada escritor, e que necessariamente não é a forma real dos fatos.

Uma dicotomia recorrente que traz atenção aos estudos da escrita de si é a identidade que o autor faz do seu texto, visto que ao mesmo tempo em que é uma representação do seu autor, na construção de uma identidade de si, é também uma invenção do próprio texto, pois traça sua subjetividade no produto. “Defende-se que a escrita é a identidade do seu autor e do seu texto, que se criam, simultaneamente através dessa modalidade de produção do eu” (GOMES, 2004, pg16). Assim ao mesmo tempo em que ele cria seu texto, também elabora, molda, segue regras, são editores também do seu próprio texto.

O processo de estudo da escrita de si trabalha na concepção de que é a partir dela que o indivíduo mantém relações de amizade, de amor, com expressões e sentimentos que partiram da convivência ou mesmo do contato não físico, mas construído socialmente. Esses sentimentos são submetidos a mecanismos de aceitação social, aspecto pertencente a qualquer cultura.

Podemos acrescentar que, embora o interesse no estudo relacionado a escrita de si seja um campo atrativo que vem sendo dada atenção nesses últimos tempos, temos que levar em consideração as dificuldades que o historiador encontra ao longo da pesquisa, que é a inacessibilidade, já que muitas cartas se perderam ao longo do tempo, foram jogadas fora como um objeto sem importância. A invasão de privacidade é outro motivo que merece atenção, porque, após a análise do pesquisador, o texto torna público e com interpretações que nem sempre agradam a família ou os envolvidos nesse material. (GOMES, 2004)

4 | A CARTA

De acordo com Buriti (2011, p. 6):

As correspondências íntimas são retratos de si, pedaços de nós que escrevemos para os outros, são maneiras de conduzir alguém até si mesmo, formas de expressar as palavras e renovar experiências. Escrever é traduzir sons da alma, é corresponder com outros destinatários. As cartas são confidências íntimas que brotam do nosso coração, carregadas de sentimentos, de emoções, de geografias que nos caracterizam, que mostram que paisagens existe dentro de nós.

Antes de tratarmos da carta propriamente, achamos necessário fazer algumas

ressalvas relacionadas à nossa fonte. A carta que chegou até nós é uma transcrição realizada em um trabalho de conclusão de curso de Almeida (2002). A carta original estava aos cuidados da irmã de Elenita, Violeta Vasconcelos, que guardou-a com carinho e cuidado, no entanto, faleceu quando ainda estávamos no momento da pesquisa.

Outra atenção que merecemos ter ao ler a carta é que a mesma não foi escrita pela própria Elenita, mas sim por sua irmã Rita Vasconcelos. Isso se deu pelo fato de que ela não estava em condições físicas para isso. Então, analisar a fonte com seus aspectos gráficos não serão possíveis nessa pesquisa, uma vez que só temos acesso à transcrição que, supostamente, não foi a professora que escreveu.

A carta transcrita inicia-se com a localização e finaliza com a assinatura (Elenita) e a data, seguindo todas as características desse tipo de escrita. O tempo é importante para nós, historiadores, porque o situa como objeto cultural material de uma época. Portanto, a clareza do lugar e da data nesses escritos é importante para entendermos o indivíduo naquela época.

A carta não é endereçada a nenhuma pessoa específica, mas sim, às pessoas de confiança. Entretanto, ela cita de uma forma geral as pessoas de Pedra Lavrada, provavelmente, na certeza de que a carta iria se tornar pública. Acreditamos que ela intencionalmente encontrou na escrita uma forma de ser lembrada pelos lavradenses, ficar na memória da história.

“Bonita e elegante”, como gostava de aparecer em público, conforme nossas entrevistas apontaram, era assim que Elenita desejava que fosse seus últimos momentos aqui na terra. “Compre meu vestido do enterro liso, unia a saia, blusa e calcinha cinza, sapato baixo e meia-fina”. Isso acarretou em uma série de controvérsias, pois não foi vista por muitos lavradenses como atitude “digna”, já que era comum que as pessoas, ao serem sepultadas, estivessem com roupas brancas, sem modelos que chamem atenção e nem adereços. Uma forma de “aparecer igual a todos” em um momento único que ninguém poderia se livrar. Para a população da época, no mundo espiritual as aparências são desprezadas, todos são iguais.

As joias são divididas por Elenita na carta elas são carregadas de sentimentalismo, elas indicam passagens da sua vida, momentos importantes, como a aliança de casamento e o anel de formatura. O maior de todos os desejos eram expressos na carta: a saudade e a incerteza em relação ao futuro das suas três filhas, que ainda estavam na infância Erika, Andrea e Kilma, frutos do seu casamento.

“lêdo embora se case não é para morar com a esposa e não dê madrasta.” Essa afirmação nos leva a interpretar a forma como Elenita queria ser lembrada, como a “dona do lar”, a singular, a única, aquela em que, mesmo não estando presente, será sempre lembrada e não terá seu lugar ocupado por outra. A casa, nesse sentido, se apresenta como um espaço sagrado para ela.

Escrever é pois, “mostrar-se” dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) é uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certa forma a carta proporciona um face a face (FOUCAULT, 1991, p 136).

Um face a face, Elenita expressou seus desejos mais íntimos, uma visão particular? Amor? Elenita deixa claro os cuidados para com as suas filhas, ambos direcionados aos seus parentes e amigos próximos. “Dona Margarida venha olhar as meninas, se não for possível morar com Yêdo, morar com Rita [...] Dudu de Chico Porto que tenha muito cuidado com Cacá e que nunca a esqueça.” Lembrando que Dona Margarida era a mãe de seu esposo e portanto, sua sogra.

Percebe-se que Elenita, mesmo distante por alguns anos, sempre encontrou em Pedra Lavrada sua casa, seu lar, recoberto por amigos. Sua cidade natal se mostrava um lugar especial que precisava ser cuidado. Assim, dirigia-se ao prefeito da época: “Manoel Júlio muito cuidado com Pedra Lavrada e meu abraço”. Seus vínculos afetivos com o grupo de mães e com o grupo escolar não deixavam dúvidas na carta.

Elenita aparentava ser realizada profissionalmente, principalmente quando na carta agradece a Dona Zelita e Cristina, pessoas das quais foram importantes para sua formação. Para sua colega de trabalho e amiga, a professora deixava suas recomendações: “Maria da Paz tenha muito cuidado com o grupo que lembre-se que estou ali, para todos os meus alunos meu abraço e meu adeus”.

Maria da Paz foi uma das nossas entrevistadas e lembra com muito carinho e emoção a carta deixada por Elenita, afirmando que “Ela se dedicava ao grupo de corpo e alma” (DAPAZ, 2015)

Um aspecto que se mostrou bastante interessante na carta foi a forma como Elenita direcionava suas palavras, como: “Compra meu vestido [...] Valdeci e Iêdo se falarem [...] Andrea seja obediente”. Ou seja, com palavras sempre de autoridade. O que nos faz ter outras leituras de Elenita, como uma mulher que não era passiva em todos os momentos, mas que também impunha autoridade diante de algumas questões.

Assim, Elenita deixava não apenas uma carta com desejos expressos, mas sua forma de ser, de pensar e de entender o mundo. Deixava marcas de uma dona de casa preocupada com a criação das filhas, marcas de uma mulher que, embora questionasse certos códigos sociais, também era por estes modelada. Uma educadora que desempenhou uma grande contribuição e que sentia que seu elo com a educação iria além da sua presença física.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A função de escrever cartas surge da necessidade de superar uma ausência causada por um distanciamento físico e ainda pode estar ligada à vivências dolorosas

e a pensamentos vindos do interior do personagem (ROCHA, 2010). Parece-nos que esses foram os motivos pelos quais Elenita escreveu a carta. Nesse sentido, o momento pelo qual Elenita ditou a carta parece ganhar significância, pois ela nos revela algo que talvez não tivesse dito em outros momentos.

A pretensão de que partiria muda o contexto da escrita. Se analisarmos com cuidado, Elenita descreve situações desejáveis e indesejáveis, confidenciando, de maneira discreta, a sua tristeza, relacionada ao desentendimento entre seu esposo lêdo e Valdeci. Ela ainda deixa claro o quanto é indesejável que seu esposo construa outra família e, mais ainda, que caso isso ocorra, que não é para ir morar junto com a nova esposa. Suas filhas não devem conhecer sua madrasta, que é para não ocupar seu lugar de mãe.

As únicas que parecem ser de confiança de Elenita para cuidar de suas filhas são Violeta, Rita e D. Margarida, que são suas irmãs e sua sogra. Nessa carta, a educadora parece deixar traçado o futuro de suas filhas e de seu esposo, mostrando um lado bastante peculiar do período: a norma social na qual a mulher deveria ser a guardiã do lar. Mesmo diante da morte, Ela se preocupa com o futuro de suas filhas e delega a outras mulheres a educação doméstica de cuidar, de normatizar e de proteger sua família.

Na fonte, há também situações de estímulo, perdão, cuidados que, se analisados, são atitudes e valores atribuídos às mulheres e a uma forma de viver em função de sua família, alunos e amigos próximos. Por outro lado, suas palavras soam como autoridade que manda, ordena e, mais ainda, que separa seus bens e diz como quer que seja seu velório. Nesse aspecto, compreendemos Elenita como uma mulher que tem iniciativas poucos usuais dentre as mulheres com as quais convivia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, I. Leitura: **O desafio constante do ensino/aprendizagem**. Universidade Estadual Vale do Acaraú, Pícuí. 2002,p. 8-9.

BURITI, I. **Educando com Penna: A educação sanitária na Primeira República nos escritos de Belisário Penna**, AMPUH, 2011.

DAPAZ, Maria. [abril.2015] Entrevistadora: GUEDES, Maria Aline S. **Entrevista cedida ao trabalho de conclusão de curso. Formas de viver no feminino: análise de gênero na trajetória de Maria Elenita de Vasconcelos carvalho**. Pedra Lavrada-PB

FOUCAULT, M. (1991) **A Escrita de Si**. In: Ditos e Escritos V. RJ: Forense Universitária, 1991.

GOMES, A. (org). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004

GUEDES, Maria Aline. **“Se eu nascesse mil vezes, mil vezes casaria com Elenita”**: História de vida da Professora Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho (Pedra Lavrada-PB, 1944-1984). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande-PB, 2018.

LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo. Contexto, 2014.

ROCHA, I. **Viver no feminino: escrita epistolar de Liddy Chiaffarelli Mignone para Mário de Andrade**. Niterói –SP. Revista Gênero. V.11.p143-164, Vol.2. 2010. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/65>> Acesso: 24.08.2015.

SILVA, L. Câncer de mama e sofrimento psicológico: aspectos relacionados ao feminino. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 2, p. 231-237, abr./jun. 2008. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a05v13n2.pdf>> Acesso 04.04.2019

SOUZA, P. LIMA, N. **Criação da Escola Estadual Normal de Campina Grande-PB** Primeiras aspirações acerca desta instituição escolar. Artigo Ano 2014. Acesso: < http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/viennhe/anais/trabalhos/eixo2/submissao_14712278409781472992304089.pdf >. Acesso em 18 de agosto de 2017.

ANEXO A: CARTA PESSOAL

Carta

João Pessoa

Compra meu vestido do enterro liso, unia a saia, blusa e calcinha cinza, sapato baixo e meia fina.

Andrea, seja obediente e ajude a Cacá, que nosso Senhor guarde.

Que Violeta se der certo morar com lêdo. O anel de formatura para Kilma, a aliança de brilhante para Cacá, a aliança de casamento e o relógio para Andréa.

Valdeci e lêdo se falarem, e todos os irmãos e amigos. lêdo embora se case não é para morar com a esposa e não dê madrasta. Dona Margarida venha olhar as meninas, se não for possível morar com lêdo, corar com Rita.

Para todas as professoras do grupo um abraço, para o clube de mães um abraço, e para todos de minha terra meu adeus. Edilson um abraço. Para Tonho um abraço e muita felicidade. Dona Severina que faz renda um abraço grande, que queria muito bem. Taninha e Lucinha um abraço é que são como minhas filhas. Dudu de Chico Porto que tenha muito cuidado com Cacá e que nunca a esqueça.

DozaZelita e Cristina, foram as pessoas mais importantes na minha formação. Maria da Paz tenha muito cuidado com o grupo que lembre-se que estou ali, para todos os meus alunos meu abraço e meu adeus.

Manoel Júlio muito cuidado com Pedra Lavrada e meu abraço. Nicinha de dona Marta, continue sempre na vida alegre. Se não for possível abrir a cova de mãe, me enterre da de titi ou outra pessoa, depois coloca os ossos na cova de mãe.

Para todos os lavradenses, meu último abraço e meu adeus.

Quero o grupo e o colégio no meu enterro, todos fardados.

Recomendações para Titi, Irene, Lúcia e Sevi.

Um abraço...

Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho, 03 de Janeiro de 1984.

SOBRE A ORGANIZADORA

Denise Pereira: Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-456-6

